

O TÍTULO “FILHO DE DEUS” EM *JO* 1,29-34: ESTRUTURA E TEOLOGIA DA PERÍCOPE

Prof. Dr. Pe. Ramiro Mincato
PUCRS

Introdução

Para levar a crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o evangelho foi escrito (cf. *Jo* 20,30-31). Mesmo com essa finalidade explicitada na voz do narrador, o livro foi escrito, não como um tratado de teologia, mas como “evangelho”. Trata-se de um gênero literário específico: relata o que aconteceu desde os dias de João Batista até ao dia em que o Senhor Jesus passou para a glória do Pai (cf. *At* 1,21-22). A obra se apresenta como um testemunho, e é certo que o evangelista quis compor um verdadeiro evangelho narrativo¹.

A obra segue um plano narrativo que o autor criou em vista de melhor comunicar a fé em Jesus. Para isso utilizou livremente as fontes de que dispunha, estruturando-as de maneira própria e enriquecendo-as com sua reflexão teológica. O Quarto Evangelho é *uma progressiva revelação de Jesus Cristo, Messias e Filho de Deus, por meio de sinais, a que o homem responde ou*

¹ NOVO TESTAMENTO. Português. Tradução Ecumênica da Bíblia. Edição Integral. São Paulo: Loyola, 1987. Introdução ao Evangelho Segundo São João, p. 227.

*positivamente por meio da fé, e assim tem a vida, ou responde negativamente por meio da rejeição, e assim está condenado, porque não crê no nome do unigênito Filho de Deus*². O Quarto Evangelho é um *livro* teológico, narrado com a técnica do drama.

Dentro da estrutura narrativa do evangelho, queremos verificar uma perícopes para controlar o significado teológico do título Filho de Deus (ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ).

Nas perícopes iniciais do evangelho (1,19-51), os títulos são atribuídos a Jesus por João Batista e pelos primeiros discípulos.

Qual o significado teológico dos títulos usados por João Batista em 1,29-34? Possuem um significado *messiânico*, reproduzindo a baixa cristologia tradicional, ou revelam a divindade de Jesus, característica do Quarto Evangelho?

A estrutura literária de Jo 1,29-34

Nossa perícopes dá continuidade à narrativa da atividade do *primeiro dia*, quando os sacerdotes e levitas enviados pelos judeus de Jerusalém perguntaram: σὺ τίς εἶ; (Tu quem és? v.19). A primeira perícopes (1,19-28) demonstrou de maneira negativa que João Batista não era o Messias. A perícopes (1,29-34) vai

² “É importante prima di tutto, ci sembra, scoprire l'idea centrale che domina tutto l'evangelo, poiché la disposizione dei racconti e dei discorsi è comandata dallo sviluppo di questo tema. Ora, il prologo (1,1-18), l'epilogo della vita pubblica (12,37-50) e la conclusione di tutto l'evangelo (20,30-31) indicano chiaramente questa grande idea: la rivelazione progressiva del Verbo incarnato, Messia, Figlio di Dio. In corrispondenza, a ogni tappa è notata l'accoglienza riservata dagli uomini a questa rivelazione: rifiuto e incredulità da parte degli uni, accettazione e fede da parte degli altri” (DE LA POTTERIE, I. L'Evangelo di San Giovanni, in RINALDI, G.; DE BENEDETTI, P. (ed.), *Introduzione al Nuovo Testamento*. Brescia: Morcelliana, 1971, p. 893).

responder de maneira positiva “quem é Jesus”: Ele é o Cordeiro de Deus (v. 29) e o Filho de Deus (v.34).

Sua conexão com o texto precedente (1,19-28) é feito de dois modos: pela cadência cronológica “dia seguinte” (τῆ ἑπαύριον v.29) que dá continuidade às atividades do dia anterior, e pelos ganchos literários do “batismo” e do “anúncio de alguém que vem depois”:

<i>Jo</i> 1, 19-28	Paralelos	<i>Jo</i> 1,29-34
v. 27	“ele vem depois de mim”	v. 30
v. 26	“eu batizo”	vv. 31.33

Fica claro que a atividade do “segundo dia” responde à pergunta do “primeiro dia”: τί οὖν βαπτίζεις; (por que então batizas? v.25).

João Batista aponta Jesus como “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (1,29) em inclusão com o título “*Filho de Deus*” (1,34). Esses dois títulos emolduram a passagem³:

ἴδε ὁ ἀμνὸς τοῦ θεοῦ (v. 29: eis o cordeiro de Deus)
οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ (v.34: este é o filho de Deus)

A perícopé, além da inclusão dos vv. 29 e 34, possui ainda outros paralelismos que reforçam sua unidade:

Paralelismos entre os vv. 31 e 33		
v. 31	καὶ γὰρ οὐκ ᾔδειν αὐτόν eu mesmo não o conhecia	ἦλθον ἐγὼ ἐν ὕδατι βαπτίζων eu vim batizar na água
v. 33	καὶ γὰρ οὐκ ᾔδειν αὐτόν eu mesmo não o conhecia	πέμψας με βαπτίζειν ἐν ὕδατι enviou-me batizar na água

³ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo São João*. São Paulo: Loyola, 1996, v. I, p. 133.

Paralelismos entre os vv. 32 e 34	
v. 32	καὶ ἔμαρτύρησεν Ἰωάννης (e João testemunhou)
v. 34	καὶ γὰρ ἑώρακα καὶ μεμαρτύρηκα (e eu vi e testemunho)

Paralelismos entre os vv.32.33	
v. 32	τεθέσθαι τὸ πνεῦμα καταβαῖνον.... καὶ ἔμεινεν ἐπ' αὐτόν (vi o Espírito descer... e permanecer sobre ele)
v. 33	ἐφ' ὃν ἂν ἴδῃς τὸ πνεῦμα καταβαῖνον καὶ μένον ἐπ' αὐτόν (sobre aquele que vires o Espírito descer e permanecer sobre ele)

Esses vários paralelismos dão intensa coesão e coerência à perícopes e concentram a atenção sobre o Messias, que por antítese com a passagem precedente *não era* João Batista (*Jo*1, 19-28): *Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo* (v.29). É superior e preexistente (v.30) a João Batista; foi para revelar a Israel o Messias desconhecido que o precursor veio a batizar com água (v.31). O Batista testemunha que viu o Espírito descer e permanecer sobre ele (v. 32). E aquele sobre quem o Espírito descer e permanecer, este batiza no Espírito Santo (v.33). Este é o “Filho de Deus” (v.34). A perícopes, estruturada de modo *parcialmente concêntrica*, é orientada para culminar com o título “Filho de Deus”⁴.

⁴ Cf. PANIMOLLE, S.A. *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni*. 2. ed. Bologna: EDB, 1984, v. I, p. 108-116.

A – João Batista aponta Jesus como Cordeiro de Deus (v.29).

B – Superioridade de Jesus: existia antes de João Batista (v.30).

C – João Batista batiza com água para revelar a Israel o Messias desconhecido (v.31).

D – João Batista testemunha que o Espírito desceu e permaneceu sobre Jesus (v.32).

B' – Superioridade de Jesus: este sobre quem o Espírito descer e permanecer batizará no Espírito Santo (v.33).

A' – João Batista testemunha que Jesus é o “Filho de Deus” (v.34).

Conforme a estrutura, a perícopes quer apontar para:

1. A identidade de Jesus (A e A');
2. O elemento fundamental, no centro da perícopes: unção de Jesus pelo Espírito (D);
3. A superioridade de Jesus com relação a João Batista:
 - a. Pela preexistência (B);
 - b. Pelo batismo no Espírito Santo (B').
4. A função de João Batista: “testemunhar pelo batismo” (C).

Jesus é aquele que batiza com o Espírito Santo que “desce” (καταβαίνω) e permanece (μένω) sobre ele.

Da estrutura emergem os temas teológicos principais da perícopes:

1. *Identidade* de Jesus (v. 29 // v. 34);
2. A *fé* que se sustenta no testemunho do *ver* e *conhecer* (v. 31 // v. 33 e v. 32 // v.33); o *testemunho* que leva à fé (v. 32 // 34);
3. O papel do *batismo* no conhecimento de Jesus (v. 31 // v. 33) e a superioridade do batismo de Jesus (v. 33);
4. O papel do *Espírito Santo* (v. 32 // v. 33);

5. O *Pai* é indicado pelo sentido absoluto do “vir” de Jesus (v. 29) e pelo Espírito Santo que “desce do céu” (v. 32).

Em resumo, (1) Jesus é o Cordeiro de Deus; (2) aquele que, recebendo o Espírito, batiza no Espírito e (3) é o “Filho de Deus”. O foco da atenção é Jesus, agora pela primeira vez presente na narrativa. O único outro personagem, além de Jesus e o Batista, é o Espírito Santo (vv. 32.33), cujo papel é fundamental na identificação de Jesus, conforme o centro da estrutura (D).

Seguem, na perícopes sucessiva, as conseqüências do *testemunho* de João Batista: os discípulos crêem e seguem Jesus (v.37.40), que chamam de *Rabi* (v. 38), de *Messias* (v. 41), que foi longamente esperado pelo povo de Israel: *é aquele de quem falou Moisés na Lei e os Profetas* (1,45), *o Filho de Deus e Rei de Israel* (1,49), *o Filho do Homem* (1,51), isto é, *Jesus de Nazaré* (1,45).

A nós interessa verificar os títulos em 1,29-34.

Análise dos elementos teológicos da perícopes

A simbologia e estrutura literária comunicam muito mais do que os fatos representam, mais do que o histórico registra. O *significado dos fatos narrados* está para além do factual, está na teologia transmitida pela narratividade.

Os verbos ἀκολουθέω⁵ (seguir) e μένω⁶ (permanecer) simbolicamente indicam o caminho à fé⁷. O “permanecer” com

⁵ A freqüência do verbo é sintomática: 1,37.38.40.43; 6,2; 8,12; 10,4.5.27; 11,31; 12,26; 13,36.36.37; 18,15; 20,6; 21,19; 21,20; 21,22. O discípulo *vem* a Jesus e segue-o. Todas essas ocorrências referem-se a Jesus, com duas exceções: 11,31 (os judeus que seguem Maria) e 20,6 (Pedro que segue o discípulo amado na corrida ao túmulo).

Jesus é característica do “discipulado”⁸, cujo seguimento inicia na perícopos seguinte (1,35-51).

O seguimento de Jesus, portanto, começa nas primeiras perícopos do evangelho como programa de discernimento que será confirmado explicitamente mais adiante (“Eu sou a luz do mundo, quem me segue não caminha nas trevas mas terá a luz da vida” 8,12); e selado na voz do narrador do evangelho: “Estes sinais foram escritos para que creias...” (cf. 20,31).

Os discípulos de João Batista seguiram Jesus, porque era o Messias esperado, ungido com o Espírito.

João Batista *testemunha* quem é Jesus, por meio da *visão* que recebe. Os verbos de “visão” (βλέπω, ἴδε 2x, θεάομαι, ὁράω 2x), de “testemunho” (μαρτυρέω 2x) e de “conhecimento” (οἶδα 2x, φανερόω) também apontam para o tema da fé, pois não se

⁶ O verbo μένω é usado para a recepção do Espírito por Jesus (1,32.33); o Espírito nos discípulos (14,17); permanência do Pai em Jesus (14,10); permanência da Palavra de Deus no discípulo (5,38); permanência de Jesus em quem recebe a Eucaristia (6,56); permanecer em Jesus é permanecer na sua palavra, ser discípulo (8,31; 12,46); Jesus permanece com os discípulos (14,25); permanência recíproca entre Jesus e os discípulos (15,4.5.6.7.9.10); os frutos dos discípulos permanecem (15,16); o corpo de Jesus na cruz (19,31); os lugares geográficos onde Jesus ficava (2,12; 4,40.40; 7,9; 10,40; 11,6; 11,54) a permanência eterna do Cristo, quando vier (12,54) a situação do condenado (3, 36; 9,41); permanecer na vida (21,22.23).

⁷ Os verbos de movimento também possuem conotação teológica: ἔρχομαι 3x, πέμπω, καταβαίνω 2x. O verbo vir, sem indicação de lugar, sugere a proveniência de Deus, assim com o “enviar” (aquele que me enviou batizar) indica uma verdadeira missão, apelativo usado frequentemente por Jesus, indica o Pai: como Jesus, João Batista também vem e é enviado (cf. 1,6). A revelação realizou-se, porque João Batista viu o Espírito “descer” (καταβαίνω).

⁸ O discipulado é um tema característico do Quarto Evangelho (“discípulo” ocorre 78 vezes, enquanto que “os Doze”, somente 4 vezes e não menciona o termo “apóstolo” em seu significado técnico). O verbo que caracteriza simbolicamente a fidelidade dos discípulos é o ἀκολουθέω. Os dois discípulos *seguem* Jesus (1,37); Jesus vê os discípulos que o *seguem* (1,38); André e Pedro *seguiram* Jesus (1,40); Jesus convida Filipe para *seguir-lo* (1,43).

trata de um sentido material: João Batista “vê” Jesus que “vem”, sem dizer de onde. O sentido absoluto do verbo “vir” indica sua proveniência do Pai.

O Espírito desce (καταβαίω) em Jesus, sinal claro de sua pertença ao mundo de Deus. O Espírito permanece (μένω) em Jesus, o que confirma a realização da profecia de *Is* 11,2: “Sobre ele repousará o Espírito do Senhor...”. Essa é a única vez que se fala no evangelho que Jesus recebe o Espírito. Não diz que “foi dado”, mas, somente, “desceu” e “permaneceu”. Com o verbo “descer”, sua procedência do Pai fica evidente.

O tema do *batismo*: tendo recebido o Espírito, Jesus torna-se distribuidor do batismo. A relação entre “purificação dos últimos tempos” e a “intervenção do Espírito para a renovação messiânica” já estava presente em algumas passagens importantes do Antigo Testamento e do Judaísmo⁹.

João Batista nota expressamente a ausência do Espírito no próprio batismo com água (διὰ τοῦτο ἦλθον ἐγὼ ἐν ὕδατι βαπτίζων), que é apenas sinal, e a presença do Espírito Santo (οὗτός ἐστιν ὁ βαπτίζων ἐν πνεύματι ἁγίῳ) naquele de Jesus, realidade perfeita.

A *Trindade*: o Pai enviou João Batista (v.33) e é Pai de Jesus (v.34). Jesus é o Filho de Deus, isto é, do Pai (v.34), e possui o Espírito Santo que permanece nele (v. 32-33).

Dentro desse testemunho ocorre a insinuação de duas realidades teológicas que perpassam todo o Antigo Testamento: o tema da *Criação* e o tema da *Páscoa*: o primeiro é indicado simbolicamente pelo ritmo cronológico de uma “semana inaugural”¹⁰, que lembra o relato do Gênesis, e o segundo, pela menção

⁹ Cf. *Ez* 36,25s (... eu vos purificarei de todas as vossas impurezas e de todos os vossos ídolos...); *Zc* 13,1-3; *IQS* 4,20s.

¹⁰ Dentro da estrutura literária do Quarto Evangelho identifica-se uma semana inicial, cf. as notas temporais τῆ ἐπαύριον (no dia seguinte) em 1,29.35.43, e καὶ τῆ ἡμέρα τῆ τρίτη (e no terceiro dia) que dão unidade à seção.

do Cordeiro (1,29)¹¹, que recorda a vítima do sacrifício pascal (cf. *Ex* 12)¹². Durante o período do Segundo Templo do Judaísmo, as pessoas subiam a Jerusalém durante a festa da Páscoa levando um *cordeiro* para ser imolado e preparado pelos sacerdotes para a refeição pascal. Na última Páscoa (*Jo* 13 – 19), a paixão de Jesus coincide com a imolação dos cordeiros no Templo, fazendo com que a descrição da morte de Jesus se revista com “sutis nuances pascais”, como o comentário de 19,16b-42. Jesus é o verdadeiro “Cordeiro Pascal”, o Cordeiro que tira o pecado do mundo¹³.

Por reconhecerem em Jesus o “messias esperado”, os primeiros discípulos o seguem: os discípulos seguem Jesus (1,35-51) e todos os outros personagens serão colocados diante da escolha de “seguir-lo” ou não¹⁴. Essa escolha põe em foco a

¹¹ Este título evoca a temática pascal para os leitores do evangelho. O conjunto do evangelho poderia ser descrito como “trama Pascal” (cf. STIBBE, M.W.G. *John*, Sheffield: Academic Press, 1996, p. 35).

¹² Alusão a Jesus como Cordeiro Pascal também em 19,36. O tema da Páscoa percorre toda a narrativa do Quarto Evangelho: a tenda da reunião (1,14; 2,19-21), a Lei (3,1ss), a passagem pelo mar (6,1.19), as festas da Páscoa (2,13; 6,4; 11,55), etc.

¹³ Essas duas dimensões, “sacrifício” e “tirar o pecado”, têm raízes em duas tradições bíblicas: a do Servo Sofredor de Isaías, que carrega os pecados de muitos e a do Cordeiro Pascal, que celebrava a libertação do Egito. O tema do Cordeiro em 1,29 fundamenta-se nas tradições do Dêutero-Isaías e de Êxodo 12.

¹⁴ A estrutura dramática do Quarto Evangelho manifesta-se neste dilema: ou se aceita Jesus *na fé* e se tem *a vida*, ou se *rejeita* a fé em Jesus e já se está condenado, conforme nos informa o solene Prólogo: καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν (“a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a receberam”). Cf. também 1,10-13. Jesus, a Palavra (λόγος), é descrito no Prólogo como “a luz do mundo”, à qual se opõe uma entidade que o evangelista chama de “trevas” (σκοτία). Isso definido no Prólogo percorrerá todo o evangelho: as trevas nunca vão receber (compreender) a luz. Das 73 vezes que

mensagem central do evangelho, isto é, da sua cristologia: crer que Jesus é o Cristo, “o Filho de Deus”¹⁵.

A teologia dos títulos cristológicos

Em 1,19-28, João afirma repetidamente *Eu não sou*, para testemunhar que ele não é o Cristo, nem Elias e nem “o profeta”. Ele é “testemunha” da revelação divina. Os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para o interrogarem: σὺ τίς εἶ; (tu quem és? v.19). Eles querem identificar o “messias”. Essa pergunta, ao longo do evangelho, não mais será dirigida a João Batista, mas a Jesus (cf. 5,12; 8,25; 18,4.7; 21,12). A primeira resposta a essa pergunta vem do testemunho de João: Jesus é o *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo* (v. 29), e é o *Filho de Deus* (v. 34).

ocorre o termo φῶς (luz) no Novo Testamento, 23 delas encontram-se no Quarto Evangelho, e das 17 vezes que ocorre σκοτία, 8 estão em João.

¹⁵ Cf. ALETTI, J.-N. *Gesù Cristo: Unità del Nuovo Testamento?*. Roma: Borla, 1995, p. 218.

Na nossa perícopa, os títulos “Cordeiro de Deus”¹⁶ e “Filho de Deus” aparecem num paralelismo sinonímico (A e A’), o que indica a equivalência de ambos. “Cordeiro de Deus”, como título cristológico (v. 29b. 36), é original, não só no Quarto Evangelho, mas em todo o Novo Testamento, assim como é original a função testemunhal do “batismo de João Batista” (v. 31). O título “Filho de Deus” é um título messiânico, próprio do Antigo Testamento, para indicar o “rei”.

Qual o nível teológico do título “Filho de Deus” em 1,34?

A superioridade de Jesus é afirmada na perícopa pela noção de “preexistência” e pelo “Espírito que desce e permanece sobre ele” (vv.30.33). Ele é, evidentemente, o Ungido, “o Filho

¹⁶ Há três sentidos para ὁ ἀμνὸς τοῦ θεοῦ. Se não se tomar em consideração o restante da frase (ὁ αἴρων τὴν ἁμαρτίαν τοῦ κόσμου - *aquele que tira o pecado do mundo*) a relação intertextual é certamente o Êxodo (12,1-11), o Cordeiro Pascal; se ὁ αἴρων τὴν ἁμαρτίαν τοῦ κόσμου é entendido como oferta pelo pecado (cf. *1Jo* 2,2; 4,10), então o Servo de Isaías 53,7-12, que se oferece pelos pecados, justificando a muitos, é outra possibilidade plausível; se, ao invés, esta frase for interpretada como ‘destruição das obras do demônio’ (cf. *1Jo* 3,5.8), então ele é o Cordeiro apocalíptico enviado por Deus para destruir o mal no mundo (cf. TALBERT, C.H. *Reading John: A literary and Theological Commentary on the Fourth Gospel and the Johannine Epistles*. New York: Crossroad, 1992, p. 81-82). O título usado aqui é provavelmente baseado em *Is* 53, interpretado à luz do Sacrifício Pascal, que em si mesmo não era de expiação, mas o pensamento cristão o interpretava, já no primeiro século, como libertação do poder do pecado (cf. *1Cor* 5,7; *IPd* 1,19). O poema do Servo Sofredor (*Is* 53), no tempo do evangelista, já era uma clássica expressão da eficácia expiatória da morte de Jesus. Ambos os significados podem entender-se sob o título de Cordeiro: o Servo de Isaías e o Cordeiro Pascal (cf. LINDARS, B. *The Gospel of John*, Grand Rapids: Eerdmans, 1988, p. 109-110 [New Century Bible Commentary]).

de Deus”¹⁷. “Unção do Espírito” é um tema explicitamente messiânico (cf. *2Sm* 7,14; *Sl* 2,7). O mesmo se pode dizer do vocabulário batismal, presente na perícopé¹⁸: João Batista não o conhecia (1,31), mas foi em vista exatamente de manifestá-lo a Israel que veio batizar na água. E aquele que enviou João a batizar na água disse: ‘*Aquele sobre o qual vires o Espírito descer e permanecer sobre ele, é ele que batiza no Espírito Santo*’. João Batista é enviado a batizar para manifestar a Israel aquele que ele não conhece (v.31) e que existia antes dele (v.30). Jesus é aquele que “batiza no Espírito Santo”: *Este é o “Filho de Deus”*.

O título “Filho de Deus” em 1,34 é sinônimo de Messias: João Batista disse: ἴδε ὁ ἀμνὸς τοῦ θεοῦ (1,29.36), οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ (1,34). André ouviu e disse a seu irmão Simão Pedro: εὐρήκαμεν τὸν Μεσσίαν, ὃς ἐστιν μεθερμηνεύμενον χριστός (1,41). Filipe diz a Natanael: ὃν ἔγραψεν Μωϋσῆς ἐν τῷ νόμῳ καὶ οἱ προφήται εὐρήκαμεν, Ἰησοῦν υἱὸν τοῦ Ἰωσήφ τὸν ἀπὸ Ναζαρέτ (1,45) Natanael responde: ῥαββί, σὺ εἶ ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, σὺ βασιλεὺς εἶ τοῦ Ἰσραήλ (1,49). Todos esses títulos possuem significado messiânico.

O *Cordeiro de Deus* como título messiânico tem a finalidade de expressar a submissão de Jesus à missão e testemunhar sua vocação à morte expiatória e, portanto, redentora. Jesus vem voluntariamente ser batizado; mais tarde, receberá outro batismo, o da glorificação (cf. 7,39 e 17,5). Essa função de per si, no entanto, não conota significado divino, como não o conotava na mentalidade judaica.

Tampouco a nota da *preexistência* denota o significado de divindade. A *preexistência* pode indicar um significado mais

¹⁷ Cf. MATEOS, J.; BARRETO, J. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1989, verbete “Filho”, p. 109.

¹⁸ O vocabulário batismal está duplamente presente na perícopé: pelo ministério de João Batista e (1) pelo testemunho que dá de Jesus como aquele que batizará no Espírito Santo (1,33).

elevado, mas ainda não é uma característica da divindade de Jesus. Ela pode ser aplicada a uma criatura, como é o caso da “sabedoria” no Antigo Testamento ou da própria “Lei”.

A culminância da revelação cristológica da perícopé, no entanto, é a proclamação de Jesus como “Filho de Deus” (v.34), solene profissão de fé, ápice da narrativa¹⁹.

Outra correlação entre Cordeiro e Messias vem do campo semântico. O título *Messias*, aplicado aos reis de Israel, é sinônimo de “pastor” (10, 26-28)²⁰. *Cristo* significa ao mesmo tempo “título” e “função”, que João Batista recusa atribuir-se a si mesmo (cf. 1,20.25; 3,28), mas que é atribuído a Jesus desde o Prólogo (1,17).

Conclusão

Há dois níveis de significados no título ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ que oscilam da baixa cristologia, inerente à esperança messiânica de Israel, testemunhada por João Batista e pelos discípulos, para a alta cristologia joanina, expressa na teologia do redator do e-

¹⁹ Cf. RICHTER, G. Zu den Taufanzählungen Mk 1,9-11 und Joh 1,32-34, in *ZNW* 65 (1974) 43-56, citado por PANIMOLLE, S.A. *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni*. 2. ed. Bologna: EDB, 1984, v. 1, p. 145.

²⁰ A grande fonte de inspiração do tema *pastor e ovelhas* é o Antigo Testamento e o Judaísmo (cf. DODD, C.H. *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 358-359). Eram temas literários que possuíam grande ressonância teológica, pois freqüentemente se descreve a ação de Deus com relação a Israel com imagens tomadas da vida pastoril (cf. *Sl* 77,21; 78,52; 80,2; 100,3). Toda a teologia do Pastor está condensada em dois textos: *Sl* 23 e *Ez* 34. Jeremias também fala desse tema, mas especialmente *Ez* 34 apresenta muitos pontos de contato com *Jo* 10. Em *Ez* 34 a descrição de Davi (vv.23-24); a descrição de seu Reino (vv.25-31) e a alusão à Aliança (v. 25) caracterizam o tom claramente messiânico da descrição de Ezequiel. O tema do Pastor reaparece também no Judaísmo (cf. o Livro de Henoc Etíope). O livro de Henoc ajuda a compreender o texto do Bom Pastor de *Jo* 10.

vangelho que acostou o nome Jesus Cristo com o μονογενής θεός em 1,18.

Do ponto de vista narrativo, a perícopete termina com a declaração pública: *Eu dou testemunho de que este é o Filho de Deus* (1,34). Aqui o título resume todo o conteúdo do testemunho do Batista a respeito de Jesus, pois μεμαρτύρηκα em 1,34 (cujo objeto é ὅτι οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ) forma inclusão com ἡ μαρτυρία de 1,19²¹. A missão de João Batista foi realizada na proclamação de Jesus como “Filho de Deus”.

Do ponto de vista da estrutura e insistência na terminologia teológica, não obstante a superioridade de Jesus pelas notas da “preexistência”, do “batismo” e da “unção do Espírito Santo”, *Jo* 1,29-34 quer levar ao reconhecimento de Jesus como “Messias”, pois, por si sós essas notas teológicas não caracterizam a natureza divina. Nas camadas mais antigas da profissão de fé cristã, não estava em jogo ainda a fé na divindade de Jesus, que provocará, mais adiante, a ruptura com a Sinagoga. O título ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ possui conotação messiânica, pois reflete o pensamento e teologia do *Sl* 2,7, um salmo régio, cujo centro de atenção é o “rei”, o “ungido do Senhor”. Deus reconhece o rei como seu filho adotivo (cf. *2Sm* 7,14). As primeiras fases da constituição do grupo de discípulos pressupõem uma atmosfera espiritual carregada de idéias messiânicas²².

Dentro da progressiva revelação do evangelho²³, porém, reconhecer Jesus como Messias é somente parte da formulação da fé. O evangelho quer revelar que Jesus é o *Messias e Filho de Deus* (cf. 11,27; 20,31)²⁴, o que aponta para um significado mais

²¹ Note-se que em 1,6-7 e 1,31 a finalidade da missão de João Batista é *dar testemunho de Jesus e revelá-lo a Israel*.

²² Cf. STRATHMANN, H. *Il Vangelo secondo Giovanni*. Brescia: Paideia, 1973, p. 96.

²³ Cf. acima nota 2.

²⁴ Cf. MATEOS, J; BARRETO, J. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, São Paulo: Paulus, 1989, verbete “Messias”, p. 179.

profundo do último. A afirmação de 1,34 é a primeira de oito vezes em que o título ocorre. O narrador não quer revelar Jesus somente como uma figura messiânica, porém quer apontar para a *divindade* de Jesus de Nazaré, insinuada na *preexistência* e na *unção do Espírito Santo*, mas que será afirmada pelo próprio Jesus, na perícopa seguinte, com o título “Filho do homem” (1,51), embora esse também possa ser simplesmente atribuído ao *Messias*.

O significado do título “Filho de Deus”, portanto, em 1,34 pode ser interpretado em dois níveis:

- Histórico, nos lábios de João Batista, é um título de significado messiânico²⁵; “Filho de Deus” adquirirá um sentido mais forte que o estritamente messiânico da tradição bíblica e judaica²⁶, a partir da teologia joanina. Jesus não rejeita esse reconhecimento messiânico, mas anuncia uma nova fase na descoberta da sua identidade: *μείζω τούτων ὄψη* (*verás coisas muito maiores* 1,50).

- Redacional, pós-pascal²⁷, reproduzindo a teologia da comunidade joanina, o título “Filho de Deus” adquirirá um signi-

²⁵ Cf. PANIMOLLE, S.A. *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni*. 2. ed. Bologna: EDB, 1984, v. I, p.179-180. Não importa aqui se o título, do ponto de vista histórico, era simplesmente messiânico na época do Judaísmo pré-cristão (cf. o debate in DODD, C. H. *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 250-262). Dodd menciona o IV Ezra, contemporâneo do evangelista, que afirma claramente: “Meu Filho, o Messias” (p. 253) e, portanto, era este o sentido do termo empregue por Natanael. O que interessa aqui é o sentido que o evangelho quer dar ao título, quando o usa na boca de Natanael que confessa Jesus como “Filho de Deus, o rei de Israel” no seu primeiro encontro. A combinação dos dois títulos demonstra que “Filho de Deus” é entendido em sentido messiânico; cf. também MOLLAT, D. ‘La Divinité du Christ d’après Saint Jean’, in *LV* 9 (1953) 121.

²⁶ Cf. *2Sm* 7,14; *Sl* 2,6-7; 89,27; *1Henoc* 105,2; *4 Esd* 7,28-29; 13,32.37.52; 14,9).

²⁷ Depois da experiência da Ressurreição, isto é, da Páscoa de Jesus, o título ganhou um significado muito mais profundo e é da fê pascal que deriva o Cristo divino.

ficado metafísico, mais profundo de “filiação divina”²⁸. Esse sentido mais profundo, divino, está presente na sentença final sobre o “*Filho do Homem*”. O evangelista não quer dizer que João Batista reconheceu a plena dignidade (*metafísica*) de Jesus como “Filho de Deus”, pois, nesse caso, Jesus não teria anunciado uma revelação ainda mais profunda sobre seu ser (cf. 1,50-51). Os títulos empregues por João Batista e, em seguida, pelos discípulos, querem ser messiânicos, embora ofereçam aos leitores a possibilidade de uma inteligência mais profunda. O céu aberto indica o início da manifestação de Deus, ou seja, o dom da sua revelação²⁹. A plena revelação de Deus se dará no “Filho do homem”³⁰.

²⁸ É o que se deduz pelo fato de os dois títulos virem juntos, o que significa que o evangelista evita um sentido meramente “messiânico” derivado do *Sl* 2, mas que quer preparar o leitor a uma confissão de fé cristã. “Em todos esses casos o que mais chama a atenção é o empenho do evangelista em nunca deixar a expressão ‘messias’ isolada, para impedir que se entenda a expressão em sentido terrestre e nacional, e sobretudo preparar os espíritos para que ponham todo acento na expressão ‘Filho de Deus’, em sentido próprio” (LAGRANGE, P.M.-J. *Evangile selon Saint Jean*. 18. ed. Paris: Herder, Librairie Lecoffre, 1948, p. clv. Cf. SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio según San Juan* I. Barcelona: Herder, 1980, p.353).

²⁹ Cf. *Is* 63,15; *Ez* 1,1.

³⁰ A ressonância cristológica de 1,51 em referência a *Gn* 28,12 é confirmada pelo *Targum Neofiti* com a seguinte paráfrase: “Ele teve um sonho e eis que uma escada estava apoiada na terra, cuja extremidade atingia a curva dos céus. E eis que os anjos que o acompanhavam da casa de seu pai anunciavam aos anjos de cima dizendo: ‘Vinde e vede o homem justo cuja imagem está esculpida sobre o trono da glória, aquele que desejáveis ver’. E os anjos que estavam diante do Senhor subiam e desciam e o contemplavam”. Na interpretação targúmica os anjos sobem e descem, porque desejam ver Jacó. Na transposição evangélica é Jesus que toma o lugar de Jacó. Como Jacó é o homem justo acompanhado de anjos, cuja imagem está esculpida no trono de Deus, assim Jesus é o “Filho do homem” que desceu do céu (cf. NEYREY, J.H. ‘The Jacob Allusions in John 1,51’, in *CBQ* 44 (1982) 586-605).